

Prevenção ao Abuso de Drogas em Ações de Saúde e Educação

(uma abordagem sócio-cultural e de redução de danos)

Organização
Regina M^a M. D. de Figueiredo

NEPAIDS

2002

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Rosana Gregori, grande amiga e companheira de trabalho que, junto comigo, produziu as primeiras idéias, discussões e textos que serviram de base à criação da matriz deste livro.

Agradeço também o apoio do CRT/DST/Aids do Município de Diadema, que permitiu a sua confecção final, além da colaboração de uma equipe de profissionais preocupados com o tema, que se preocuparam em integrá-lo como material técnico de suporte aos profissionais de educação e saúde integrantes do projeto “*Educar é Prevenir*”, implantado nas escolas do município de Diadema em 2002, que contribuíram enormemente para sua melhoria e versão final:

- Do Departamento de Educação / Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer - SECEL do Município de Diadema:

*Maria Angélica Figueiredo Mendes - Assistente Social
Natália Reys Rodolfo – Pedagoga
Walter dos Reis Filho – Filósofo*

- Do Espaço Fernando Ramos / Secretaria de Saúde do Município de Diadema:

*Aloísio Ferreira de Lima - Estagiário de Psicologia
Celso de Azevedo Augusto – Médico Hebiatra
Mirian Aranda - Assistente Social e Coordenadora do Espaço Fernando Ramos da Silva
Silvana de Araújo Rosa – Psicóloga
Vilmar Ezequiel dos Santos - Psicólogo e Coordenador da Atenção Secundária à Saúde*

- Do CRT/DST/AIDS da Secretaria de Saúde do Município de Diadema:

*Tania da Costa – Assistente Social
Sueli Aparecida Queiroz Martins – Médica e Coordenadora do CRT/DST/AIDS*

Regina Figueiredo

Índice

Introdução

O Papel do Educador numa Nova Abordagem Educativa e Preventiva *(Regina Figueiredo)*

Abordagem de Redução de Danos para Uso e abuso de Drogas *(Regina Figueiredo)*

A Questão da Legalidade/Ilegalidade *(Regina Figueiredo)*

Visão Histórica e Antropológica das Drogas *(Richard Bucher)*

Os Vários Níveis de Consumo de Drogas: Usos e Abusos *(Regina Figueiredo)*

Categoria Nativas e Orientações Culturais para o Uso de Drogas *(Regina Figueiredo)*

Para Repensar Categorias Utilizadas com Grupos Sociais *(Regina Figueiredo)*

Sugestões para o Desenvolvimento de um Projeto de Prevenção ao Abuso de Drogas na Escola *(Rosana Gregori e Regina Figueiredo)*

Algumas Dinâmicas de Grupo para um Trabalho sobre Drogas *(Regina Figueiredo e Rosana Gregori)*

Materiais para Trabalhos com Adolescentes *(Rosana Gregori e Regina Figueiredo)*

Prática Escolar com Relação à Utilização de Drogas *(Regina Figueiredo e Rosana Gregori)*

Bibliografia

As Autoras

INTRODUÇÃO

Esta publicação tem como objetivo facilitar e ampliar a compreensão do tema *Drogas*, hoje tão polêmico em nossa sociedade. Pretende, ainda, **propor uma alternativa metodológica e prática para o desenvolvimento de um trabalho preventivo em saúde dirigido ao público jovem, especialmente à população escolar.**

Ela foi motivada a partir da experiência prática na capacitação de profissionais da área de educação, no desenvolvimento de projetos com escolas públicas e privadas sobre o uso e abuso de drogas e na intervenção preventiva com relação à infecção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e aids, realizada com grupos comunitários, profissionais de saúde e educação e integrantes de equipes de trabalho com crianças e adolescentes vivendo em situação de rua e os designados jovens infratores.

A grande constatação foi a dúvida e a demanda geral das pessoas do **COMO** atuar no dia-a-dia com esses jovens, apontando a necessidade de não apenas um material discursivo e teórico, mas que viesse também acompanhado de **dicas, atividades e até um modelo inicial para atividades práticas.**

Devido ao acúmulo de experiências de técnicas de grupo e reflexões sobre a realidade escolar e discussão de casos verídicos de autuação e porte dessas substâncias, entre menores, foi possível reformular, na forma de um conjunto coeso, o conteúdo de vários textos produzidos em diferentes anos.

Foi considerada indispensável a inclusão de linhas teóricas para o entendimento da íntegra do *olhar* e proposta deste livro. Aproveitamos aquelas desenvolvidas com o objetivo de *traduzir* trabalhos técnicos e acadêmicos em linguagem clara, sintética e acessível para o trabalho de capacitação e orientação dos profissionais citados, além de um texto específico de Richard Bucher que consideramos fundamental para o tema.

Acreditamos que o atual discurso televisivo, moralizador e punitivo sobre as drogas vem contribuindo apenas para deixar a população alarmada e sem perspectiva de ação, ao mesmo tempo em que leva a maioria dos educadores escolares e educadores em saúde a uma análise simplista, ideologicamente direcionada e distante de uma reflexão mais profunda e isenta de preconceitos sobre o tema.

A questão da droga é social. Por ser social ela é fruto de uma cultura e de um aprendizado de como viver em sociedade e da forma como essa sociedade organiza seus interesses políticos, econômicos e legislativos. Cabe instigar o leitor para que questione os benefícios ou não das estratégias atualmente utilizadas em nossa sociedade com relação ao uso e abuso de drogas e avalie o quanto proporcionam a saúde ou a doença.

O PAPEL DO EDUCADOR NUMA NOVA ABORDAGEM EDUCATIVA E PREVENTIVA

Regina Figueiredo

O trabalho educativo com o tema drogas deve considerar que essas substâncias já fazem parte do universo adolescente e jovem, senão no uso, pelo menos no seu círculo social em que vivem ou em seus temas de interesse.

Para construir uma abordagem sob o prisma da saúde, é importante não diferenciar para um trabalho as drogas legais e ilegais, já que sabemos que as substâncias psicotrópicas em geral (mesmo as legalizadas) em uso abusivo causam seqüelas físicas e psíquicas.

Portanto, o olhar do educador deve procurar abranger uma abordagem histórica e antropológica que identifica a multiplicidade de questões envolvidas nesse tema, incluindo a variabilidade das proibições das diversas substâncias ao longo do tempo e das culturas, não se detendo nas legislações atualmente em vigor, que giram em função de perspectivas e interesses muito mais econômicas e políticos, do que científicos, como concordam outros autores¹.

Nunca existiu uma sociedade abstêmica, ou seja, sem drogas e, de uma forma geral, nas diversas sociedades, o uso dessas substâncias psicotrópicas vêm sendo controlado com sistemas de orientação e educação que levam as pessoas a lidar com o tema, fazendo com que a maioria dos indivíduos façam uso dessas substâncias em situações específicas, esporádicas ou com freqüências habituais reguladas que possibilitam um uso não prejudicial. Nesse contexto os casos de abuso ocorrem raramente, normalmente motivados pela desintegração desses códigos sociais de uso apreendidos ao longo da educação.

O papel do educador, desta forma, seja na escola, na família ou na saúde, é ser mais um instrutor dessa orientação milenar, que foi abandonada em nossa sociedade quando se passou a tratar o tema *drogas* de uma forma punitiva e acusatória, deixando milhares de jovens sem informação. Ao contrário, o educador é responsável por dar espaço para a abertura deste tema e das problemáticas atuais que motivam o uso abusivo por vários indivíduos em nossa sociedade. Deve tratar igualmente, tanto os alunos que nunca fizeram uso, quanto os que possivelmente já experimentaram ou que fazem uso esporádico delas, questionando as alternativas possíveis a esse uso.

Não cabe ao educador identificar se o aluno usa ou não usa alguma droga, inclusive porque boa parte dos usuários dependentes já não está na escola e, até mesmo, foi levada a abandoná-la. O educador tem a função de desenvolver um trabalho preventivo para todos, que possibilite a manutenção das baixas freqüências de uso ou sua diminuição. A tarefa de educar é dar base, através de informações, possibilidade de pesquisa e discussão, abordando o assunto e não se abstendo dele.

Ao contrário do modelo de amedrontamento adotado na maioria das campanhas e ações contra o uso de drogas, que utilizam os dependentes para assustar, como exemplo de futuro, àqueles que vierem a fazer a experimentação dessas substâncias – desacreditados pelos jovens que têm acesso a amigos ou experiências que demonstram que a maioria dos usuários faz apenas uso recreativo –, a educação não-omissa tem possibilidade de estimular a capacidade de percepção, reflexão e articulação dos jovens frente ao tema, proporcionando para que se tornem sujeitos de ações mais assertivas e cuidadosas com respeito à sua vida, seu corpo e sua saúde física e mental.

¹ Como por exemplo Edward Mae-Rae, da Universidade Federal da Bahia; Richard Bucher; Henrique Carneiro, da Universidade de São Paulo e Elson S. Lima, da Universidade de Campinas.

ABORDAGEM DE REDUÇÃO DE DANOS PARA USO E ABUSO DE DROGAS

Regina Figueiredo

O conceito de *Redução de Danos* foi uma das maiores contribuições para o trabalho com usuários e dependentes de drogas das últimas décadas. Ele surgiu como uma alternativa de abordagem e ação na prevenção da AIDS entre os usuários de drogas injetáveis².

Partia-se da constatação que, nem sempre a conduta preconizada idealmente e sempre pregada nos diversos discursos médicos, jurídicos e policiais (o abandono do uso de drogas) fosse possível para alguns indivíduos, pelos mais variados motivos, tanto sociais, como econômicos, psicológicos, etc. Além disso, a introdução desse conceito abriu espaço para o debate público sobre o uso de drogas conforme os contextos culturais, ao longo da História e em diferentes sociedades.

Tudo isso possibilitou que fossem criadas estratégias mais cuidadosas de estudo e intervenção que, procurando embasar a forma de uso, o tipo de substância e os códigos e práticas dos grupos usuários, permitisse uma ação mais efetiva de prevenção à exposição ao HIV/aids.

A Redução de Danos planeja escalas de prevenção de danos à saúde que procuram dar conta das diferentes situações de exposição à AIDS. Uma ação inicial (1) recomenda o não uso de drogas, já que sob o efeito dessas substâncias a capacidade do indivíduo de ter posturas mais preventivas, como o uso da camisinha se reduz; (2) numa segunda escala de intervenção, recomenda-se que caso haja uso, tais drogas não sejam injetáveis, já que essa forma de utilização tem sido uma das principais formas de infecção pelo HIV; (3) caso haja uso de drogas injetáveis, esta deve ser realizada com a utilização de material descartável ou de uso de seringa individual, que não seja reutilizado para não promover a infecção; (4) caso isso não seja possível pela falta de acesso à serviços de trocas ou distribuição de seringas ou motivos econômicos (falta de dinheiro para comprá-las, por exemplo), recomenda-se a esterilização caseira da seringa e da agulha do usuário, de baixo custo quando feita com hipoclorito de sódio, impedindo a reutilização de seringas contaminadas por outras pessoas.

A utilização de programas de *Redução de Danos*, pode reconsiderar não apenas a autonomia e a dignidade do usuário de drogas, mas respeitar o seu momento e o seu movimento em direção à construção de um auto-cuidado e, portanto, de uma auto-estima e prevenção com relação a atitudes mais nocivas e letais contra a sua própria vida. Em muitas cidades, como em Santos - SP, a atuação adotando esta metodologia pôde minimizar os efeitos da proliferação do HIV/aids entre a população usuária de drogas injetáveis e entre os grupos a eles ligados em 'redes de relacionamento afetivo e sexual'.

Até então (e ainda atualmente para alguns grupos), apesar do sucesso dessa abordagem que vem sendo mais e mais adotada, a possibilidade de permitir ao indivíduo a utilização de uma droga menos prejudicial, ou mesmo de ensiná-lo a utilizar drogas injetáveis de forma segura do ponto de vista da infecção da aids, seria considerada uma indução, reforço e convivência com a prática ilegal do uso de drogas.

² Ver GREGORI, Rosana e FIGUEIREDO, Regina, "Os Diferentes Modelos de Prevenção à AIDS Adotados em Campanhas e Projetos", *texto elaborado para o Módulo I de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

A QUESTÃO DA LEGALIDADE/ILEGALIDADE

Regina Figueiredo

Dentro de toda a discussão sobre a permissividade ou não do uso de drogas está a atual divisão entre as *drogas lícitas* e as *drogas ilícitas*. Aparentemente e historicamente, a comunidade científica e os governos em geral atestam esta divisão com argumentos de preservação da saúde física e mental dos indivíduos e a sua autonomia para levar uma vida considerada “normal”, ou seja, produtiva, principalmente do ponto de vista do trabalho assalariado.

Como a própria denominação de drogas psicotrópicas designa aquelas substâncias que geram alteração no sistema nervoso central (SNC), causando aceleração, confusão, ou retardamento das ligações entre os neurônios, principalmente dos neurotransmissores serotonina e dopamina, estariam então incluídas na categoria *drogas* também vários produtos atualmente comercializados e que agem igualmente ou similarmente em nosso organismo, como o álcool, a cafeína, o cigarro e, até, o guaraná. Ora, não apenas estas, mas se rastreamos a variedade da flora poderemos encontrar muitas outras plantas consumidas na forma de infusões ou chás em outros povos, culturas e regiões, que têm sido utilizadas milenarmente para uso medicinal, mas também para práticas rituais e/ou alucinógenas, como drogas.

Os dados da Organização Mundial de Saúde apontam que as drogas que têm causado maiores distúrbios orgânicos e dependência são justamente aquelas legalizadas e amplamente difundidas e propagandeadas, como o álcool, o cigarro e o café³. Portanto, o alarmismo frente às drogas tem se mostrado apenas como a permanência de um discurso intolerante, nada científico, que continua causando alarde entre a população menos informada e provocando situações de extremo constrangimento e terror para aqueles que por um motivo ou outro fazem alguma utilização das drogas consideradas ilegais.

Ao mesmo tempo, deixa totalmente sem esclarecimento os jovens que iniciam o consumo das substâncias permitidas pela sociedade, tirando-lhe a possibilidade de informação, escolha e proteção de sua própria saúde. Entre tais substâncias podemos citar os calmantes, remédios de emagrecimento e anabolizantes que vêm tendo um consumo abusivo por vários jovens e adolescentes.

³ Segundo dados publicados pela FOLHA DE SÃO PAULO em 2/5/97, sob o título “Casos de Câncer Devem Dobrar até 2025”.

Objetivos

1. Identificar funções sociais implícitas no uso de drogas.
2. Exemplificar como cada função se manifesta em diferentes culturas.
3. Justificar sua postura pessoal diante de situações especificadas de uso de drogas.

Resumo

Nesta unidade, discute-se a presença de drogas na história da humanidade. Ressalta-se que toda sociedade é consumidora de drogas; o seu cultivo, sua divulgação e seu consumo representam, pois, um fenômeno cultural. Três funções sociais desse consumo se destacam: superar a angústia existencial, entrar em contato com forças sobrenaturais, obter prazer. Esses três objetivos são atingidos de maneira integrada ou, pelo contrário, de maneira marginalizante. A relatividade cultural da presença de drogas em uma determinada sociedade é notável, o que é demonstrado através de uma série de exemplos. Para entender o seu alcance, discute-se a evolução histórica de uma sociedade, seus modos de se organizar e de se representar, bem como incidências antropológicas, políticas, religiosas e psicológicas da presença de drogas. Somente dentro desse complexo torna-se possível apreender a significação desse consumo, com a referência não apenas ao produto, mas também às motivações das pessoas e ao contexto sócio-cultural no sentido mais amplo.

I - ASPECTOS GERAIS

As drogas na sociedade

Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença de drogas, desde os primórdios da humanidade, inseridas nos mais diversos contextos: social, econômico, medicinal, religioso, ritual, cultural, psicológico, estético, climatológico e mesmo militar. O consumo de drogas deve, portanto, ser considerado como um fenômeno, especificamente humano, isto é, um fenômeno **cultural**: não há sociedade que não tenha as suas drogas, recorrendo a seu uso para finalidades diferentes, em conformidade com o campo de atividades no qual se insere. Alguns autores opinam mesmo que a história do homem é aquela das drogas que consome.

Como denominador comum desse uso, pode-se designar a provação deliberada de uma alteração dos estados de consciência, procurar de experiências inéditas que, globalmente, são **experiências de prazer**. É evidente, no entanto, que, historicamente, o uso de drogas não se reduz a uma simples procura de prazer; encarar o fenômeno dessa forma significa simplificar demasiadamente a sua complexidade e o grande número de funções que preenche nas diversas dimensões da existência.

Os sentidos do seu uso

Pode-se distinguir três funções gerais, atribuídas alternativa ou simultaneamente à ingestão de drogas, em contextos sociais que viriam segundo a organização e as crenças de uma determinada sociedade. Em primeiro lugar, a droga permite escapar à consciência de transitoriedade da existência e a angústia que isto provoca (a célebre “angústia existencial” dos filósofos existencialistas). Ela pode, portanto, ser usada como meio para “esquecer” a nossa transitoriedade e mortalidade, pelo menos temporariamente. De fato, essa função tranquilizadora e ansiolítica é muito antiga, embora especialmente presente – e devidamente comercializada – nos tempos de hoje, sob forma de uma ampla gama de medicamentos psicotrópicos. Se hoje em dia esse uso se processa de maneira bastante indiscriminada, não quer dizer que esse recurso seja uma invenção dos tempos modernos; em tempos mais remotos, ele já foi devidamente utilizado embora sob formas socialmente mais integradas, compartilhadas com a comunidade como um todo. Pode-se até levantar a hipótese

de os ansiolíticos modernos serem tão divulgados em consequência da perda do espírito comunitário e do aumento do anonimato e da solidão na sociedade tecnológica.

Uma segunda função, intimamente acoplada com a primeira, diz respeito a certas procuras de transcendência, a saber, a pretensão de entrar, em contato com forças sobrenaturais. Esse sentido, diretamente religioso, vincula-se com a tentativa de se alargar os limites existenciais, à procura de elementos espirituais ou divinos capazes não somente de aplacar a angústia do homem, mas também de assegurar-lhe sobrevivência além da morte que biologicamente lhe é determinada.

Lançando mão de substâncias entorpecentes, o homem consegue preencher uma “falta”, decorrente das suas limitações e explorar seus limites através de experiências místicas, individuais ou coletivas, misticistas ou profissionais, rumo aquele “além” que detém configurações religiosas e ideológicas diversas, mas que se enraíza nas intenções milenares do homem de se transcender. Determinadas drogas facilitam tais experiências, aproximam esse “além”, desanuviam as angústias terrestres e transformam os demônios imaginários em divindades benevolentes, cujo amparo vem suprir o desamparo humano.

Uma terceira função – a mais conhecida – que cabe às drogas, diz respeito a busca de prazer. Essa função, sem dúvida, domina na toxicomania moderna, onde ela opera desconectada das duas outras, mas é tão antiga quanto as outras, e se vincula com elas em muitas práticas e religiões antigas. Basta lembrar os cultos dionisíacos, por exemplo. De fato, a segregação entre as esferas sagradas e prazerosas é relativamente recente, fruto de uma concepção axiológica e maniqueísta do homem (e da natureza) que muito tem a ver com a evolução do cristianismo e de sua noção de “pecado”.

Não obstante, existem até hoje associações entre o prazeroso e certas dimensões sagradas, em particular quando a própria transgressão de certos tabus que se torna um ritual socialmente admitido. Isto se manifesta claramente no carnaval, onde, como se sabe, as drogas têm uma função importante, tanto, estimuladora quanto desinibidora, frente a uma festividade pagã antropológicamente sagrada, mas que transgride as convenções sociais do resto do ano.

As alterações do estado de consciência e da busca de prazer, felicidade e beleza

Os três sentidos do uso de drogas que aqui destacamos se combinam de diversas maneiras para alcançar as alterações desejadas do estado de consciência. Estas atingem em particular três registros, com ressalta H. Nowlis (Unesco, 1982):

As substâncias que causam a maior preocupação atualmente são as que agem essencialmente sobre o sistema nervoso central (SNC). Uma das importantes propriedades farmacológicas dessas substâncias é que elas facilitam uma modificação das sensações, do humor ou da percepção. O homem sempre procurou modificar as suas percepções, assim como a orientação com relação a si mesmo e com relação a seu meio, e provavelmente vai continuar a fazê-lo. A utilização de substâncias psicotrópicas é apenas uma das inúmeras maneiras de atingir esse objetivo; mas ela sempre esteve presente através da história e no mundo inteiro.

Ora, os três registros das sensações, do humor e da percepção se vinculam com dimensões essenciais de existência, dimensões estas que nenhum ser humano está disposto a menosprezar: o prazer, a felicidade e a beleza. Sentir-se feliz em contatos prazerosos com coisas bonitas não é somente de alta relevância, ligado que está a uma procura constante e um bem-estar, mas deve se considerar como um direito humano.

Qualquer pessoa, pois, tem direito de reivindicar acesso a essas três dimensões. Recorrendo-se a drogas é possível propiciar-se um acesso mais direto a tais dimensões, o que muitas populações antigas encenam mediante celebrações ritualísticas. Aí a droga faz parte de um contexto cultural estruturado (e estruturante para seus membros). Ela se insere intencionalmente em projetos sociais cujas normas são transmitidas de geração a geração. No interior de uma determinada cultura, tais rituais (e as drogas nele usadas) se tornam, portanto, totalmente lícitos, exercendo uma função integradora e, muitas vezes, apaziguadoras, seja a nível de procedimentos iniciáticos, seja a nível de cultos que celebram, identificações dionisíacas com esferas ou entidades sagradas.

Efeitos esperados

Quanto aos efeitos farmacológicos provocados pelas drogas no organismo e no comportamento, eles foram almeçados desde o início da humanidade por uma séria de razões. Voltamos a citar Nowlis H.(1982):

Procura-se, com emprego de substâncias psicotrópicas, cinco efeitos farmacológicos principais: 1º) aliviar a dor: nesse caso, os opiáceos continuam a ser as substâncias preferidas; 2º) tentar reduzir uma atividade ou uma sensação que atinge um nível desagradável ou indesejável, como a ansiedade o nervosismo, a insônia, a hiperestimulação. Qualquer depressor do sistema nervoso central pode desempenhar esse papel; 3º) tentar aumentar o nível de atividade e sensação de energia e de potência, ou reduzir a sensação de cansaço, de depressão, de sonolência. Os estimulantes do SNC (cafeína, anfetaminas, cocaína etc.) são amplamente empregados para essa finalidade. É interessante observar que, na maioria dos casos, as receitas médicas visam uma dessas três finalidades; 4º) tentar obter modificações no modo habitual de percepção do indivíduo frente ao seu próprio meio físico e social, isto é, explorar sair de si mesmo, obter novas intuições, aumentar sua criatividade, aumentar a intensidade das experiências sensoriais e estáticas e o prazer que delas tira o indivíduo; 5º) tentar atingir diversos graus de embriagues, de atordoamento, de euforia, sensações de estar flutuando ou de vertigem. O álcool, os barbitúricos, o haxixe, a maconha, os inalantes e solventes são as substâncias mais utilizadas.

Como se percebe, os efeitos das drogas no SNC são diversos, dependendo da substância química empregada, mas também dos modos de uso, do contexto e das intenções do usuário. Para todos os efeitos enumerados, encontramos exemplos já na antiguidade.

O que mudou nos tempos modernos refere-se a duas características: a fabricação de substâncias sintéticas (em particular medicamentos) e a introdução, através de certas convenções sociais e jurídicas, da distinção entre drogas legais e ilegais.

Relatividade cultural

Esta última característica, diferente de uma sociedade para outra, tentar regulamentar o uso de drogas quando percebido como pernicioso dentro de uma determinada organização social; porém, isto não muda em nada a relevância atropológica dessas substâncias: elas sempre oferecem a possibilidade de alterar as percepções, o humor e as sensações – toda a questão reside em saber como e porque os homens pretendem alcançar isso.

Em um apanhado global da história das drogas, ressalta a grande relatividade cultural do seu uso. O desafio que representa a tentativa de compreender esse uso vai além dos problemas imediatos desta ou daquela dependência. Qualquer explicação unidimensional é falaciosa, produto mais de mal-entendidos ou preconceito do que investigações científicas. Citamos a respeito G. Edwards (Correio da Unesco, 1982):

Entre as falsas idéias, por exemplo, encontraram-se essas: achar que o álcool não é uma droga, que o uso de drogas só se refere aos jovens, que basta um tipo de explicação para compreender o problema das drogas que uma solução apreciada no Ocidente tem efeitos no Oriente, que se pode curar as sociedades dos males da droga, reforçando-se cada vez mais a ação das alfândegas e da polícia, que o uso de drogas significa inevitavelmente uma apavorante decadência, enfim, que o problema decorre simplesmente da droga, simplesmente do indivíduo ou simplesmente do desequilíbrio da sociedade. **A necessidade de uma compreensão equilibrada e integrada dos problemas de drogas é premente.**

Segundo esse mesmo especialista os citados, “os piores erros cometidos nestes últimos anos vem de uma tendência a negligenciar as suas dimensões sociais e culturais”. Por esta razão, apresentamos em seguida algumas considerações sobre aquelas drogas cuja história se confunde com a história da humanidade, a saber, as drogas naturais, ou seja, de origem vegetal.

II - HISTÓRIA DAS DROGAS NA HUMANIDADE

O álcool

As bebidas alcoólicas representam as drogas mais antigas das quais se tem conhecimento. Obtidas pela fermentação de diversos vegetais, segundo procedimentos no início primitivos e depois cada vez mais sofisticados, elas estavam já presentes nas grandes culturas do Oriente Médio. Os mais antigos documentos da civilização egípcia descrevem o uso do vinho e da cerveja. A medicina egípcia, reputada em toda região mediterrânea, usava essências alcoólicas para uma série de moléstias, enquanto meio embriagador contra dores e como abortivo.

O consumo de cerveja pelos jovens era comum; muitos contos, lendas e canções de amor relatam os seus poderes afrodisíacos. O seu uso social e festivo era bem tolerado, embora já no Egito se levantassem moralistas populares contra o

seu abuso, por “desviar os jovens dos estudos”. A embriaguez, no entanto, era tolerada apenas quando decorrente de celebrações religiosas, onde considerada normal ou mesmo estimulada.

Nas culturas da Mesopotâmia, as bebidas alcoólicas existiram com certeza no final do 2º milênio a.C. Aos poucos a cerveja a base de cereais foi substituída por fermentados à base de tâmaras. A fermentação da uva também é regularmente mencionada. O uso medicinal de produtos alcoólicos é comum; de fato, todos os vegetais de uso medicinal foram designados como “drogas”, aparentemente sem distingui-las de drogas no sentido moderno, alucinógenas ou narcóticas.

O consumo de álcool nas civilizações gregas e romanas é também conhecido. Ele era utilizado, tanto pelo seu valor alimentício tanto para festividades sociais. Ressaltamos apenas associação entre o uso do vinho e certas práticas e concepções religiosas, representadas pela popular figura do Bacchus. Durante longos períodos o consumo de vinho era proibido para as mulheres, interdito do qual testemunham também os relatos bíblicos. Lembramos que o vinho hoje é parte integrante de cerimônias católicas e protestantes, bem como no judaísmo, no candomblé e em outras práticas espirituais.

O ópio e os opiáceos

Entre os gregos antigos, o ópio era revestido de um significado divino enquanto símbolo mitológico poderoso. Os seus efeitos eram considerados como uma dádiva dos deuses destinados a acalmar os enfermos. Mas a história mundial do ópio inicia-se bem antes dos gregos. Na China, desde tempos imemoriais, a planta da papoula, que fornece o ópio, era símbolo nacional (tal como os ramos do café no Brasil). Tais representações na ordem simbólica de um povo significam, além de uma inclinação pela adoração de forças sobrenaturais, um compromisso social profundo, sendo que os referidos cultivo e consumo participam da vida cultural da população como peça fundamental.

A papoula, chamada também de “dormideira”, é uma planta originária do Mediterrâneo e do Oriente Médio. Ela é cultivada com facilidade em muitas regiões subtropicais e, mesmo, montanhosas. Transcrevemos um trecho de uma publicação das Nações Unidas (Correio Unesco, 1982):

As provas mais antigas do conhecimento do ópio remontam às plaquinhas de escrever dos sumerianos, que viveram na baixa Mesopotâmia (hoje Iraque) há cerca de 7.000 anos. O conhecimento das propriedades medicinais da papoula chega depois à Pérsia e ao Egito por intermédio dos babilônios. Os gregos e os árabes também empregaram o ópio para fins médicos. O primeiro caso conhecido de cultivo da papoula na Índia data do século XI: no tempo do império mongol(século XVI), a produção e consumo de ópio nesse país já eram fatos normais. Parece que o ópio foi introduzido na China pelos árabes no século IX ou X. O ópio era conhecido também na Europa na Idade Média, e o famoso Paracélso o ministrava a seus pacientes.

Quando o ópio era utilizado por prazer, ele era ingerido ou bebido como chá. O hábito de fumar ópio é recente, isto é, conta umas poucas centenas de anos. O abuso do ópio e seus derivados (morfina e heroína) deu origem aos primeiros esforços internacionais do controle de uso de narcóticos.

Em muitas sociedades orientais tradicionais, sobretudo no meio rural, recorre-se ao ópio contra dores nas enfermidades somáticas, mas também como tranquilizante e pelas suas propriedades euforizantes. Mas ele é também instrumento de relaxamento e de sociabilidade, sendo consumido em agrupamentos populares da mesma forma que o chá, o álcool e o cigarro. Na Malásia, por exemplo, os pescadores procuravam no ópio ajuda para suportarem condições de vida extremamente duras enquanto hábito antigo totalmente integrado.

Guerra do Ópio

No século passado, a “British East Índia Company” produzia ópio na Índia e o vendia para a China. A insistência do governo chinês em reprimir a venda e o uso da droga que se alastrava como uma epidemia levou a um conflito com a Inglaterra, conhecido como a “Guerra do Ópio”. Os Ingleses, que detinham o monopólio (altamente lucrativo) do comércio do ópio, obrigaram a China a liberar a importação da droga; como resultado, em 1900, metade da população adulta masculina chinesa era descrita como dependente da droga.

Esse exemplo mostra a importância dos fatores políticos e econômicos intervenientes no cultivo, comércio e consumo de drogas.

Não há dúvida de que o livre comércio Inglês do ópio (e depois, dos seus derivados, morfina, heroína, codeína, etc.) para as sociedades ocidentais piorou o panorama do consumo de drogas.

Amplamente aceito como droga recreativa no Oriente e comprado livremente em armazéns na Inglaterra e nos Estados Unidos, até fins do século passado, o ópio provocou o surgimento de “casas de ópio” na maioria de cidades européias. Foi somente no início deste século que o seu consumo começou a ser proibido.

A Coca e seus derivados

A coca é um arbusto de folhas persistentes que cresce em grande parte da América do Sul, em particular nas regiões andinas. Suas folhas são mastigadas há séculos, nas montanhas e altiplanos, pela população indígena.

Segundo certos pesquisadores esse hábito remonta a quatro mil anos, como testemunham determinados achados arqueológicos. Porém o hábito de mastigar a folha da coca – o chamado “coquear” - não representa nem a única nem talvez a mais importante função social dessa planta: ela ocupa um lugar de destaque na cosmologia, na esfera comunitária e ritual dessas populações. Ela participa da expressão de uma identidade étnica antiga, afirmada em particular diante dos invasores espanhóis no início da fase de colonização.

Tentando suprimir esse hábito, estes correram o risco de provocar uma descaracterização étnica com conseqüências imprevisíveis, senão um colapso social. De fato, o hábito do “coquear” faz parte de uma adaptação biológica e sócio-cultural em contexto geográfico e climático altamente desfavorável, que evidentemente não se deixa mudar por considerações meramente moralistas.

Mastigar a folha da coca tem por objetivo, em primeiro lugar, evitar o cansaço, considerável devido à altitude evita-se, assim, a sede e a fome(ou pelo menos as suas sensações), e agüenta-se melhor o frio, as vezes, intenso. Dentro da área biomédica não está esclarecida, ainda, a questão da atuação da coca dentro do organismo humano. As substâncias alcalinas que contém, detêm, sem dúvida, um potencial energizante, mas que suscita mais efeito no sistema nervoso central do que no metabolismo digestivo; o valor propriamente nutritivo da coca continua sendo discutido.

Existe também um uso medicinal da coca, sob forma de “chá de coca”, ao qual se atribui propriedades específicas para problemas digestivos, para estancar hemorragias, para tratar de feridas e etc. Os curandeiros usam-na em procedimentos diagnósticos e terapêuticos, apelando ao “espírito da coca” em rituais acompanhados pela comunidade inteira. O seu valor cultural e mitológico ressalta, em particular, através do seu uso nos momentos do nascimento e da morte. Ela é aplicada no recém-nascido para a secagem do cordão umbilical, que , em seguida, é enterrado junto com as folhas de coca, representando assim , um talismã para o resto da vida do indivíduo. Nas cerimônias funerais, acredita-se numa verdadeira convulsão dos espíritos (da coca), que devem ser apaziguados mediante certos rituais, para assegurar a tranqüilidade no além, da pessoa falecida.

Percebe-se dessa forma que o uso da coca tem algo de sagrado. Ele não se limita ao mastigar, como conseqüência de condições sócio-econômicas difíceis. Se é altamente desejável melhorar as condições de vida dessa população, não quer dizer que se deve, para isso, destruir os seus valores culturais milenares. Se a cocaína é obtida a partir da coca (ou da pasta de coca) , as intervenções repressivas devem atingir não a população ainda, mas os proprietários das grandes plantações e os grandes traficantes que comercializam a droga nos países industrializados.

Este é mais um exemplo da complexidade dos problemas de drogas: eles não se limitam aos efeitos farmacológicos, mas tocam as esferas sócio-culturais, econômicas e políticas entre outras.

A Maconha

Os produtos derivados da planta *Cannabis sativa* são usados por milhões de seres humanos há quatro ou cinco mil anos. Conforme a região e o procedimento de extração, eles são chamados de haxixe, marijuana, cânhamo ou maconha. Conforme um trecho do correio da Unesco (1982):

Raras são as regiões do mundo onde não se pode cultivar a maconha. Conforme a natureza do solo, o clima e a maneira de cultivo, a planta, que parece uma erva daninha, pode atingir alturas que variam de 30 centímetros a seis metros. A planta da maconha, ou a substância bruta dela derivada, como as rações artesanais feita com ela, são conhecidas por uma variedade de nomes.

O emprego terapêutico da cannabis é nenhum hoje em dia, mas, em algumas partes da Ásia, os médicos ainda utilizam-na no tratamento de afecções.

O consumo de cannabis é tradição secular em alguns países, principalmente naqueles onde o consumo de álcool é proibido.

No segundo milênio a.C., a maconha foi empregada com fins terapêuticos na China e descrita pelo imperador Shen Nung como analgésico. Seu emprego medicinal corresponde a uma longa tradição entre povos africanos e asiáticos. No Brasil, parece que a cannabis foi introduzida pelos escravos que conheciam as suas propriedades já na África. Muito consumida pela população negra, o seu uso foi largamente difundido em estados do Nordeste, em particular Bahia e Maranhão onde até hoje existe um consumo recreativo de uso popular.

A moda, o rito, as classes sociais

Considerada a “droga da moda” nos anos 60, no auge da contestação hippie (junto com o LSD), a maconha continua a ser fumada até hoje em dia, em particular nas faixas dos jovens, mas perdeu o seu destaque nas classes dos inalantes nas classes desfavorecidas e da cocaína nas classes média alta.

Para exemplificar o uso popular da maconha, citamos o exemplo da Jamaica. Conhecida há centenas de anos, a ganja (droga derivada da planta Cannabis) é facilmente cultivada e produzida, embora seu consumo seja considerado ilegal. Certas seitas atribuem-lhe poderes místicos e divinos, especialmente o de afastar os espíritos do mal. O operário jamaicano encontra na ganja energia para trabalhar e relaxamento após o trabalho, e oferece a droga mesmo aos filhos para que fiquem “mais inteligentes”.

Nessa população, pois, fumar a ganja é um rito (como mastigar coca nos Andes) e não fator de alienação ou desintegração social: o seu uso constitui um complexo de crenças, atitudes e costumes compartilhados por toda a comunidade.

Porém, há diferenças entre as classes sociais. Na população de baixa renda, a criança aprende a utilizar a erva muito cedo, sendo possível que se coloque chá de ganja até nas mamadeiras. Nas classes média e alta, no entanto, a droga é condenada, mas os adolescentes fumam-na, expressando, assim, a sua oposição contra a geração adulta. Ela se tornou, portanto, um símbolo de curiosidade, prazer ou mesmo revolta, desvinculado de um rito social tradicional; ela é agora inserida em um código social, novo, aquele dos jovens à procura de novos valores e novos modelos. Citamos um trecho do Correio de Unesco(1982):

O adolescente de classe média fuma por curiosidade, para incrementar o prazer sexual, para fazer descobertas psicodélicas etc. Não possui um código definido para se conformar, não tem modelo respeitável para imitar. Ao contrário, uma criança que cresce na classe operária aprende aos poucos utilizar a erva, e não lhe faltarão modelos. Ela pode começar a fumar com 7 ou 8 anos, embora, de modo geral, seja iniciada por companheiros aos 12 anos, numa cerimônia de grupo que tem mais de um traço de semelhança com um rito de passagem.(...)

Os estudos antropológicos indicam que a cultura (ou subcultura) cria automatismo de proteção que atenuam o perigo dos entorpecentes. Nada de mais importante, por exemplo, aprender a dosar para obter exatamente o resultado esperado, e nada mais. Esses mecanismo de proteção exemplificam, talvez, o fato da intoxicação crônica por maconha parecer relativamente inofensiva nos operários jamaicanos. Em compensação, a situação parece mais grave quando se trata dos jovens de classe média, embora aí o número de fumantes seja bem menor: fala-se de abandonos escolares, episódios psicóticos, relações de pânico e outros distúrbios de comportamento.

Percebemos, assim, que nas classes sociais de uma mesma população podem ocorrer mudanças quanto à significação do uso de uma droga, tanto no que respeita os propósitos do uso quanto às formas de utilização.

De um lado, temos um uso ainda ritualístico, integrado nos costumes do povo e ligado ao acervo geral de crenças. Mas por outro lado, o uso, da ganja enquanto tradição cultural se *desintegrou*, transformando-se, assim, numa maneira de contestar as autoridades e valores tradicionais.

Com o “progresso”, ou seja, com as modas internacionais que se infiltram nessas classes, atribui-se à droga um valor de transgressão, de contestação e de meio (ilusório?) de aculturação. Nos choques entre culturas diferentes e nas tentativas de aculturação que produzem, as drogas representam parâmetros interessantes de comparação, embora produzam, às vezes, efeitos dramáticos.

OUTROS ANALGÉSCOS

O cogumelo e a mescalina

Todas as grandes civilizações oferecem exemplos de uso de substâncias alucinógenas outras que não a Cannabis. O ritual de cogumelos nas Américas, o emprego de cogumelos tóxicos por feiticeiros e curandeiros da Ásia, a utilização de certos vegetais na feitiçaria européia da Idade Média, o uso do “Khat” em certos países árabes e africanos com a finalidade de atingir estados de medição e de sabedoria representam tais exemplos. A mescalina (ou o peiote, nome popular de origem asteca), era (e ainda é) muito empregada e venerada como amuleto, panacéia ou alucinógeno nas regiões montanhosas do México, bem antes da chegada dos conquistadores espanhóis. Era usada por certos índios como remédio ou para visões que permitissem profecias. Ingerido em grupo, pode servir para induzir estados de transe durante certas atividades rituais.

Se o peiote é obtido de um cacto, a psilocibinja o é de um cogumelo, considerado sagrado por certas tribos de índios do México. Chamado por eles de “carne dos deuses”, eles usam o produto como instrumento de culto em certos ritos religiosos induzindo alucinações. Outros pós “milagrosos”, obtidos a partir de ervas, cipós ou cascas de árvores, são usados por tribos da América do Sul em cerimônias rituais para provocar estados místicos ou de transe, com o intuito de entrar em comunicação com os seus deuses.

Usos indígenas

No Brasil, drogas alucinógenas são até hoje usadas em rituais de tribos indígenas. A serviço da comunidade, o *xamã*, ao consumir alucinógenos, entra em contato com os espíritos que o ajudarão a curar doenças, proteger a comunidade contra ataques mágicos e propiciar bem-estar, boas caçadas etc. O *xamã*, pois, compartilha com o seu povo os prazeres obtidos com drogas: esta, antes de tudo, é propriedade coletiva e não individual, e seu uso deve propiciar harmonia ao invés de desavença, paz ao invés de contestação.

Os antropólogos que se debruçam sobre esses fenômenos sempre ficaram impressionados com os contrastes culturais. A respeito do uso de drogas, citamos Ramos A.R. (1986):

O antropólogo, que nunca perde a oportunidade de cantar os louvores da diversidade cultural, de se declarar um relativista inveterado, tomando cada expressão cultural em seus próprios termos, por mais calejado que esteja com os contrastes humanos, ainda assim se surpreende ante a imensa distância que vai do sonho ao pesadelo, da bênção que são certas drogas em sociedades indígenas à maldição que estas mesmas, ou outras, representam para nós (o “nós” aqui entendido como o superego nacional, da autoridade constituída, familiar, estatal, ou eclesiástica). Para nós, um problema nacional, ou, mais ainda, internacional; para eles, uma das melhores coisas que a cultura inventou.(...).

As drogas, para os povos indígenas, são assunto sério e não podem ser tratados levianamente. Elas representam, virtualmente, um elemento de ligação entre o mundo humano e o extra-humano ou sobrenatural. É através das drogas que os homens se aproximam dos espíritos, do saber esotérico, da compreensão do cosmos.(...) Os xamãs empregam ayahuasca, o cipó da vida que lhes permite viajar entre o mundo dos humanos e dos espíritos. Crê-se que a ayahuasca induz uma realidade semelhante aos sonhos, a qual medeia entre o domínio humano, e o domínio dos espíritos. Os costumes e conhecimentos antigos são transmitidos através da dinâmica conhecimento-visão, embutida num processo contínuo de aprendizagem.

Essas considerações feitas pela antropóloga a respeito dos índios Yanomani, revestem-se de um valor exemplar. De fato, a ayahuasca da qual ela fala (ou huasca, ou hoasca) conhece hoje em dia uma divulgação até mais ampla, através das seitas amazônicas “União do Vegetal” e “Santo Daime”, que empregam o mesmo chá alucinógeno em seus rituais. O consumo ritual aí é sempre comunitário, acompanhado de muita música para afastar as “visões ruins”. Como a influência do cristianismo, preces e rosários estão presentes no ritual. Segundo seus adeptos, a Unia do Vegetal é fator de alienação, pois as atividades da lavoura e da pecuária são interrompidas pelo uso do alucinógeno.

Não se pode comparar o uso indígena com o uso moderno

Essa seita pode ser considerada como uma tentativa de englobar valores indígenas na vida moderna da selva amazônica. Porém, o xamanismo e o uso de psicotrópicos alucinógenos continuam correndo o risco de serem aniquilados, quando a seita entra em choque com as forças externas da política, dos missionários, de agentes governamentais ou de

exploradores movidos pela idéia do lucro. Não faz sentido, pois, comparar o uso de drogas na tradição indígenas aqueles das nossas sociedades industrializadas. Citamos a este respeito as conclusões de Ramos A.R.(1986):

Assim como é uma violência social tentar transformar o índio à imagem do branco, queira ele ou não, também uma violência espiritual aplicar os mesmos pesos e medidas a experiências tão distintas como são o mundo mágico dos índios e o que é por quase todos nós considerados o submundo criminoso dos brancos. Se fizermos o esforço de um olhar desarmado para essas expressões culturais que são as drogas entre os povos indígenas, talvez possamos vislumbrar uma outra maneira de ser humano e, quem sabe, voltarmos outra vez a nós mesmos um pouco mais sábios. Como disse o poeta Hugo von Hoffmannsthal, o caminho mais curto até nós é a volta ao mundo.

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As apresentações precedentes evidentemente não são exaustivas. Elas têm valor de exemplificação, demonstrando em particular, a relatividade cultural do uso de drogas. O que é valorizado como bem em determinada sociedade, é apresentado em outra invenção do diabo, como meio de depravar a juventude ou como calamidade pública.

Devemos concluir disto que a droga em si mesmo não é boa nem má: é um meio colocado à disposição do homem pela natureza (ou hoje, muitas vezes, pela indústria). Tudo dependerá do uso que dela se faz: um uso socialmente limitado e integrador, ou um uso desregrado, isto é, um abuso, que desintegra, marginaliza e provoca decadência.

As motivações para o uso

De fato, se as drogas foram usadas durante milênios, como vimos, os abusos – e com eles os fenômenos de dependência (ver também unidade nº4) – constituem práticas relativamente recentes. Eles resultam de evoluções características das sociedades modernas, desde o início da industrialização, provocando choques culturais e descaracterizações étnicas às vezes violentos. Daí advêm os fenômenos de aculturação pelos quais se abandona os valores tradicionais, sem se encontrar valores novos que tenham potencial de integração social.

Como conseqüência, assiste-se à formação de subculturas e de grupos marginais, a um pauperismo crescente de amplas faixas da população, a movimentos de revolta e de contestação ou, ao contrário, a fenômenos de prostração letárgica. Entre todos estes, o consumo de drogas prolifera, apresentando-se como uma solução, como um consolo ou um meio de tolerar os estados de frustração, miséria ou desânimo.

O contexto sócio-cultural

Ao condenar e combater o uso de drogas, cabe, pois, levar em conta a evolução histórica de uma determinada região ou sociedade, bem como os fenômenos sociais, políticos e culturais do contexto no qual elas se inserem, se não este combate será cego, fanático e ineficiente, porque não ataca o problema em si – que não compreende – mas apenas certas conseqüências, certos sintomas de um disfuncionamento social muito mais amplo.

Desse disfuncionamento faz parte a exploração econômica e política das drogas: na geopolítica mundial, elas representam um fator de peso, porque é uma luta de vale-tudo, onde se lança mão de qualquer meio de argumento para tirar vantagens ou lucro. Basta citar, para exemplificar, a guerra do Vietnã ou, mais recente, aquela do Afeganistão ou a situação explosiva da América Central: em todas elas participa o comércio de drogas – com todo aquele fluxo de “narcodólares” – condenado oficialmente mas incentivado pelas superpotências quando as favorece.

Se toda guerra é suja, aquela que envolve drogas o é mais ainda; ela desmascara a hipocrisia da condenação moralista oficial, faichada atrás da qual se desenrola o confronto impiedoso entre ideologias diferentes, seja do hemisfério norte contra o sul (o terceiro mundo, produtor de drogas de origem vegetal...), seja dos ricos contra os pobres, das gerações dominantes contra os jovens contestadores.

O consumo de drogas, pois, faz parte da nossa realidade social. Ele é um fato, não mais (ou pouco) vinculado a um uso medicinal ou a ritos religiosos, mas a uma procura de prazer que corre o risco de se tornar desenfreada e que desvia a realidade. De uma dádiva divina, ela se transformou, assim, em uma maldição com um alto potencial alienante.

O movimento hippie

Mas nessa evolução, a sociedade não é inocente: desregulada e desumana em seu funcionamento, ela secreta drogas que seduzem e alienam os seus membros mais fracos, socialmente ou psicicamente. A evolução do movimento hippie é exemplar a este respeito. Citamos um trecho de um trabalho anterior (Bucher,R.,1986):

Nos anos sessenta, a contestação “hippie” dá o tom aos movimentos “underground”, à busca do belo, do prazeroso, do “flower-power” na terra. A fé nos ideais idílicos de pureza e de bondade, junta-se a experiência de novos modos sensoriais, propiciadas pelas drogas psicodélicas. A efervescência intelectual das discussões políticas, a intensidade da agitação cultural, o entusiasmo pela abertura de novos caminhos cosmopolíticos eram acompanhados pelo florescimento de um novo misticismo. A droga aí participava não como um instrumento desintegrador e destrutivo, mas como uma oportunidade de experimentar novas sensações e chegar-se a novas percepções do universo, da vida, da interioridade humana.(...)

A evolução da conjuntura econômica das sociedades ocidentais trouxe mudanças profundas nesse quadro, relegando ao segundo plano a procura pacata de prazeres floridos e de conveniências mais harmoniosas. A recusa do modelo dos pais, a exaltação de novos modos de viver e o militantismo cordiatio cederam a um desencanto cada vez mais radical, chegando a beirar o desespero e suscitando, ao invés de prazer, violência e auto destruição. As tentativas de vida alternativa, boicotadas ou recuperadas pela sociedade “liberal” se apegaram diante do impacto da crise econômica, chamando à realidade cruel das necessidades básicas a à monotonia da luta para assegura-las. Desiludido, o movimento hippie se desarticula...

O consumo (e abuso) de drogas faz, assim, parte dos processos de marginalização que ocorre em nosso meio; cabe entender os seus determinantes históricos e culturais, as suas incidências antropológicas, políticas, religiosas e psicológicas, para compreender a envergadura do fenômeno. Este apóia-se no tripé das movimentações dos usuários, das pressões do contexto sócio cultural e dos estados de dependência (física e/ou psíquica), enquanto da ingestão prolongada de tóxicos.

Tratamento adequado ao abuso de drogas

Somente se levados em conta esse tripé e os múltiplos fatores que nele se juntam, é possível chegar-se a uma compreensão adequada – condição indispensável para criar meios de intervenção judiciousa (ver também unidade nº3) embora, mesmo assim, de eficácia ainda limitada. É que não se elimina o consumo de drogas, nem os seus abusos: elas estão aí, se oferecem a quem quiser, e recorrer a elas corresponde a uma possibilidade humana pela qual cada um pode optar, mas pela qual tem que aprender a se responsabilizar.

Não existe, pois, panacéia para eliminar as drogas da sociedade, porque elas fazem parte da cultura humana. E àquelas que pregam a mera condenação, total e absoluta, de todo e qualquer consumo de drogas, lembramos que essa condenação além de ser desumana e antropológicamente factícia, é ineficiente, porque condena não somente o uso de drogas, mas com ele o ser humano e as suas aspirações ao prazer, à felicidade e à beleza.

Tais aspirações, como já frisamos,são legítimas e fazem parte da “condição humana”. Esta, infelizmente, permite deslizos, abusos e falhas, implica em desequilíbrios, dramas, conflitos e angústias – mas querendo eliminá-los, elimina-se o que há de mais humano no homem, a sua liberdade e os riscos que tem que assumir em sua existência.

Lembramos ainda, aos defensores intransigentes da condenação do consumo das drogas e da sua própria repressão incondicional, que, não há muito tempo, consumidores de café e de tabaco foram condenados à morte. Aconteceu no século XVIII, em vários condados da Alemanha e na Rússia czarista (ver Volger, G e v. Welck, 1982).

BIBLIOGRAFIA

BUCHER, R. O consumo de drogas: evoluções e respostas recentes. Psicologia: teoria e pesquisa. (UnB). Brasília, 2(2): 132-144, 1986.

BUCHER, R. (org.). As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial. São Paulo, EPU, 1988. 105p.

CORREIO DA UNESCO. O mosaico das drogas. 10 de março 1982 (contém artigos originais, como o de Griffith Edwards “A toxicomania tem muitas faces”, p. 11 e alguns textos oriundos das Nações Unidas).

LOPEZ, A.O. Drogas y toxicomanias. Madrid, Editora Nacional, Libros Directos, 1979.

NOWLIS, H. A verdade sobre as drogas. A Unesco e seu programa. 3 ed., Rio de Janeiro, IBECC – UERJ, 1982.

RAMOS, A.R. a “viagem” dos índios – maldição ou tentação? Humanidades. (UnB). Brasília, 10(3):69-75, agosto /outubro, 1986.

VOLGER, G. e v. WELCK, K. Rausch und Realität. Drogen im Kulturvergleich. (Embriagues e realidade. Drogas no cotejo das culturas). Hamburg, Rowohlt, 1982.

OS VÁRIOS NÍVEIS DE CONSUMO DE DROGAS: USOS E ABUSOS

Regina Figueiredo

Falar sobre as propriedades danosas das drogas legais ou ilegais não basta para conduzi-las ao papel de substâncias proibidas ou permitidas, já que muitas dessas propriedades estão ligadas à quantidade e ao tipo de uso que delas se faz. Atualmente tem-se trabalhado com diferenciações do consumo de drogas conforme os seguintes graus:

- a) **O experimental**, que normalmente ocorre em nossa sociedade devido à curiosidade, influência de amigos ou por motivos contestatórios;
- b) **O esporádico**, que ocorre normalmente com a finalidade de socialização ou recreação;
- c) **O habitual**, que em geral está ligado a motivações de uso cultural, ou de círculo social, ou de faixas etárias onde o uso recreativo tem uma constância maior;
- d) **O abusivo**, que ocorre quando inicia um consumo intenso da substância, mas o indivíduo ainda se mantém vinculado ao círculo social e tem um controle mínimo do uso e de seu estado psíquico; apesar disso pode já estar sofrendo prejuízos devido a esse uso intenso;
- e) **O dependente**, que ocorre quando a substância e seu uso passam a ter um espaço principal na vida do indivíduo, normalmente fazendo com que perca interesse pelos aspectos e círculos sociais e gere a falta de motivação psicológica para outras situações não ligadas ao consumo ou obtenção da droga.

Este tipo de classificação permite uma visão mais apurada sobre os tipos de uso que se fazem dessas substâncias na vida das pessoas, ressaltando principalmente o papel que ocupam e a interferência que produzem benéfica ou maleficamente na vida social, orgânica e emocional de cada um. Ao mesmo tempo traz uma reflexão mais profunda e respeitosa quanto ao uso dessas substâncias por outros povos que já as utilizavam.

É importante ressaltar que estes estágios de consumo não são necessariamente crescentes, a maioria das pessoas permanece nos dois primeiros. Apenas uma pequena percentagem de indivíduos chega à dependência por fatores:

- orgânicos (ligados a problemas de equilíbrio de substâncias neurotransmissoras por questões genéticas)
- psicológicos (fatores emocionais e inconscientes que predis põem à perda da auto estima e auto-cuidado)
- sócio-econômicos (desestímulo frente a situações sociais e econômicas difíceis e falta de perspectiva)
- tipo de substância consumida (potencialidade da droga em produzir efeitos que substituam o bem estar natural)
- via de uso da substância (que acarreta o tempo e/ou tipo de efeito que a droga agirá no organismo)

Essa situação de dependência deriva dessas motivações que provêm de comprometimento da auto-estima, problemas psicológicos, ou traumas; falta de perspectiva de lazer, de qualidade de vida e de futuro; substâncias que predis põem ao uso contínuo e abusivo com certa freqüência (como por exemplo, o crack); e a forma de uso, principalmente por via injetável, que produz um efeito rápido que estimula o múltiplo uso para perdurar a sensação que a droga provoca.

Ao mesmo tempo esses graus de uso e suas motivações servem tanto para os usuários de drogas lícitas como o de drogas ilícitas, não havendo, portanto, razão para a designação e utilização de termos genéricos para os usuários de drogas ilegais, como “DROGADO”, “MACONHEIRO”, etc. Consideramos que tais termos, além de perpetuar a discriminação dos usuários de drogas ilegais, minando sua auto-estima e, portanto, a possibilidade de sua integração social, incluem como iguais grupos que fazem uso de substâncias e quantidades completamente diversas, movidos por diferentes motivações.

Isso acaba gerando uma falta de percepção dos usos mais leves e confundindo seus seguidores com outros setores que já estão numa situação de bastante precariedade em relação à saúde e à auto-estima, podendo, inclusive, facilitar que um integrante do primeiro grupo, usuário de uma freqüência esporádica ou de uma substância que permite um uso mais “leve”, se identifique com outro que já faz consumo de substâncias de rápida dependência e passe a utilizá-las, já que é constantemente e igualmente marginalizado pela sociedade. Tal atitude não só é “contra-educativa”, mas provoca um agravamento dos quadros de consumo e dependência dessas substâncias.

Estas diferentes freqüências de uso são descritas pelos especialistas como “Pirâmide de Consumo” e são observadas para o consumo da maioria das drogas psicotrópicas. Na base da pirâmide estão os experimentadores e usuários

esporádicos, a pirâmide vai subindo conforme o uso mais freqüente e diminuindo a sua largura pois o número de usuários diminui conforme aumenta a freqüência e o grau de dependência. Isto significa que apenas uma pequena parte da população faz uso abusivo ou dependente.

A idéia da pirâmide vem substituir a idéia de “escadinha”, ou escalada da dependência desmitificando a visão de que todo experimentador está condenado à dependência.

CATEGORIAS NATIVAS E ORIENTAÇÕES CULTURAIS PARA O USO DE DROGAS

Regina Figueiredo

As sociedades criam denominações populares (*categorias nativas*) de regras de usos e/ou classificação das substâncias psicoativas (drogas) e de grupos de usuários para orientar o consumo controlado dessas substâncias. Essas orientações incluem dosagens, misturas, situações de uso, faixa etária permitida, etc.

Assim, em algumas sociedades tribais apenas os xamãs têm direito ao uso intensivo dessas substâncias, porque eles têm uma experiência que direciona seu uso para o bem comum do grupo (combater males, espíritos, orientar decisões importantes, curar doenças, etc). Qualquer outro usuário fará um uso moderado e supervisionado pelo xamã, que indicará também os objetivos desse uso.

Também em nossa sociedade, existem regras de uso de diversas substâncias psicoativas para evitar usos indevidos e efeitos prejudiciais: quando algum jovem começa a consumir bebidas alcoólicas, costuma receber orientações para evitar misturar fermentados com destilados, fazer o consumo apenas com o estômago cheio, etc. Quando oferecemos café, a própria dosagem culturalmente estabelecida é de uma xícara pequena; ninguém irá oferecer um copo grande para consumo.

Outra forma de classificação das drogas que já ocorreu em nossa sociedade, foi feita através da diferenciação das substâncias e efeitos conforme seu grupo de usuários e interesses. A maconha, e as drogas em geral, tiveram um florescimento no Brasil principalmente após os anos 70, juntamente com o movimento Hippie.

Os hippies contestando a sociedade massificante e consumista, utilizavam drogas conforme um imaginário específico que pode ser traduzido resumidamente em dois grupos: aqueles grupos de defesa de hábitos ligados à natureza, que passaram a buscar uma vida menos “intoxicada” de produtos industrializados, aproximando-se do campo de comidas e estilo de vida mais agrícolas, adotando a macrobiótica, etc, utilizando-se, assim, amplamente da maconha, cogumelos, e plantas alucinógenas consideradas parte desse desfrutar de um mundo mais natural e suas possibilidades; outros grupos hippies partiram para a utilização dessas drogas naturais, mas também do ácido lissérgico, com o intuito de “abrir a mente”, extravasar a criatividade e desenvolver novas formas de sensibilidade com o mundo. Na lógica do primeiro grupo, as drogas químicas eram mal vistas porque eram produto de substâncias pesadas, impuras e intoxicantes, afetando o bom funcionamento do organismo; já no segundo grupo, a idéia atestada por seus participantes ou mesmo sucessores atuais que mantêm tais hábitos, considera as drogas “caretas” (como a cocaína) inadmissíveis, porque dão a sensação de lucidez, de raciocínio, de “ligar” ainda mais a pessoa ao seu mundo real, do tempo acelerado, sendo portanto desconsideradas e vistas como decadentes⁴.

Vale ressaltar que os hippies nunca foram designados com as características de criminalidade e marginalização como hoje vemos ser normalmente atribuídas aos usuários de drogas. Muito pelo contrário, os hippies utilizando-se de slogans como “Paz e Amor” eram pacifistas. Atribuir a violência ou marginalidade ao uso das drogas só afasta a real discussão de pobreza e falta de perspectiva de vida que os jovens vivem hoje em dia, encoberta pela falsa luta contra essas substâncias “malfeitoras”.

Atualmente, quando há grupos de usuários de drogas, diferenciando as *drogas leves* e as *drogas pesadas*, verifica-se que não estão identificando conforme a perspectiva sanitária e o efeito psíco-físico dessas substâncias, mas a possibilidade de sua utilização num convívio social não oneroso, ou seja, que não necessariamente interfere na vida emocional, profissional, estudantil e psíquica da pessoa. O que está por detrás da designação de *drogas leves* são aquelas substâncias psicotrópicas que permitem uma maior flexibilidade no seu uso e experimentação sem afetar os âmbitos de uma vida normal almejada. Já as pesadas corresponderiam àquelas que facilitam ou induzem ao descontrole de uso e ao vício seja pela própria substância em si, seja pela forma como dela se utiliza (como por exemplo injetando diretamente na corrente sanguínea), promovendo e facilitando, por fim a dissociação do indivíduo de seu contexto social.

⁴ Toda essa filosofia e estilo de vida não impediram, no entanto, vários ex-hippies de se tornarem homens de negócios e totalmente integrados na sociedade capitalista, num momento posterior, onde procuravam estabilidade material e a qualidade de vida de suas famílias, tornando-se o que muitos denominaram nos anos 80 de *yuppies*, aí sim adotando drogas extremamente condizentes com a noção de estímulo, razão e competitividade, como a cocaína.

Portanto para um público suscetível ao uso de drogas, ou mesmo para o usuário da droga leve, este critério de classificação funciona como uma espécie de “proteção” e alerta contra aquelas substâncias ou usos pesados, onde a pessoa terá possibilidade de perder mais facilmente o controle da sua situação de uso. Como exemplo podemos citar diversas frases de usuários de drogas leves, como é considerada a maconha, quando vêem alguém que passou a utilizar drogas via injetável, os comentários são: “*passou para o baque*”, “*não é por aí*”, “*tô fora!*”, etc. Ou, o contrário, quando um ex-viciado consegue retornar para uma situação mais sociável e controlada e diz: “*agora eu só uso um baseado às vezes*”, ou “*tou só com coisa leve*”.

PARA REPENSAR AS CATEGORIAS UTILIZADAS COM GRUPOS SOCIAIS

Regina Figueiredo

Muitas vezes a própria comunidade médica, com o intuito incluir as substâncias já legalizadas como drogas, pensando assim, tornar mais científico o discurso e o critério popular de um estilo de vida saudável, termina por combater as categorias populares de classificação das drogas. Assim, passa a visão de que *drogas são drogas*, sejam elas leves ou pesadas, legais ou ilegais, e causam transtornos físicos, psíquicos e sociais que devem ser coibidos e tratados.

Essa forma de intervir, muitas vezes termina por reforçar categorias genéricas como *drogado*, ou vulgo, *maconheiro*, juntando todos os tipos de usuários (experimentalizador, esporádico, freqüente, abusivo, dependente), das diversas drogas em “um saco só”, ou seja, em uma só categoria.

Para aqueles que estão longe das drogas e seu uso, essa visão aparentemente não detonou problemas, mas observa-se que a percepção do “outro grupo” fica comprometida, pois é visto como suscetível, passível de intervenção alheia e, principalmente, alvo de discriminação.

As conseqüências dessa forma de intervenção não escalonada, ou seja, que não utiliza a redução de danos, traz algumas conseqüências desastrosas para a prevenção do abuso de drogas, pois termina não se opondo à classificação de *drogados*, que passam a ser estigmatizados, em oposição aos *sãos: não drogados*. Para os usuários de drogas, a noção de classificá-los como *drogados*, pode abalar não apenas suas especificidades quanto a freqüência e tipo de uso que fazem de tal ou qual droga psicotrópica, mas também (principalmente para os mais desinformados, de classe social mais baixa e com comprometimento da auto-estima) faz perder a capacidade de classificar-se como sendo de um X grupo de usuários com determinados padrões e códigos e não de outro. Esse aspecto poderá ser nefasto para o usuário de drogas que tende a ser classificado e, principalmente, se auto-classificar como portador de um comportamento marginal, facilitando a perda de seus referenciais e aí sim, o início da marginalidade.

Além disso, a “mescla” de diferentes usos e substâncias sob o nome de uma só denominação (usuários de drogas), termina por “confundir” o comportamento de pessoas que se guiam por categorias populares, que passam a não diferenciar os diferentes objetivos, efeitos e limites no uso das drogas. Assim, fica mais fácil um usuário ocasional de maconha, passar a fumar crack, quando a própria sociedade lhe determina um status de *drogado* igual ao do fumador de crack, quando sabemos que o uso esporádico da maconha é totalmente diferente e absolutamente menos grave que os efeitos nocivos do uso do crack.

As categorias nativas servem como referenciais de comportamento, portanto devem ser levadas em conta na abordagem de um trabalho preventivo que tenha uma visão multidisciplinar e integre o imaginário e códigos culturais dos grupos que intervêm, como propõe o modelo de redução de danos. Só dessa maneira é possível adentrar nos grupos com ações preventivas que sejam efetivas e passíveis de serem integradas em seus comportamentos.

Devemos estar atentos para ressaltar não as drogas, mas os Usos Leves e os Usos Pesados, diferenciando aqueles usos em que o indivíduo está numa situação de integração social e contenção dos limites, daquelas situações em que há perda do auto-controle e a droga passa a ocupar um espaço subjetivo e objetivo maior na vida do usuário.

Em pesquisa realizada pela autora em 1998, com 52 jovens estudantes, que responderam questionários em escola de Supletivo de Ensino Médio da Zona Oeste de São Paulo, foi possível verificar que as categorias leves e pesadas permanecem como um referencial para a maioria deles, 42 pessoas, que justificam essa divisão de diversas maneiras:

- a) Rapidez para início do efeito da droga;
- b) Nocividade à saúde;
- c) Efeitos mais controlados até os mais descontrolados;
- d) Leves produzem efeitos, mas pesadas chegam a matar;
- e) Rapidez para fim do efeito da droga;
- f) Leves deixam “lerda”, acalmam, e pesadas agitam, alucinam.

A maioria dos entrevistados demonstrou perceber diferenças entre as substâncias e seus usos, principalmente apontando a maconha como mais passível de uso leve (citado por 25 pessoas) e quase metade (21 pessoas) apontando o

crack como uma droga que estimula o uso pesado, além da cocaína, (assim indicada por 17 pessoas). Isso mostra que, para boa parte, a diferença de uso e de grau de prejuízos entre essas drogas permanece como uma distinção saudável do ponto de vista de redução de danos, já que sabemos que tanto o uso do crack como o de drogas injetáveis tende a ser repetido mais vezes, já que o efeito sobre o organismo passa mais rápido que as outras formas de utilização e, têm, portanto, uma tendência a predispor o indivíduo ao uso abusivo e, conseqüentemente, à dependência.

Dar “nome aos bois”, diferenciando graus de uso não só para a escala de uso conforme a frequência, mas também, pelo tipo de substância e via de utilização que está sendo adotada, é essencial para estratégias que visem minimizar os efeitos nocivos e dar graus de variabilidade e tolerância para jovens. Atualmente, muitos profissionais sensibilizados, com os casos dependência física ou psíquica de drogas e a metodologia de redução de danos, já têm resgatado as categorias de uso *leve* e *pesada* em sua intervenção. Aqui citaremos dois casos recentemente divulgados pela imprensa que pode servir de exemplo para novos estudos e intervenções que busquem qualificar os limites e os alcances dessa metodologia de intervenção.

No geral, sabemos que a recuperação de usuários de drogas é bastante reduzida (20%)⁵, sendo que no Brasil, o uso da cocaína inalada e, principalmente, injetada é, na maioria das vezes, retomado após 6 a 12 meses do tratamento. Aos casos de dependência somam-se agora o de uso do crack, mais recente no país e, portanto, com menos estudos de recuperação e permanência de uma situação de não-vício.

Uma pesquisa de intervenção e acompanhamento de viciados em cocaína e crack realizada na Escola Paulista de Medicina⁶ mostrou que cerca de 70% dos usuários dessas drogas abandonou seu consumo após uma orientação para o uso de drogas mais leves, especificamente a maconha. Dessa forma os viciados em crack e cocaína teriam conseguido um “efeito terapêutico”, ao sair do uso de substâncias de uso menos controláveis para uma substância mais passível de controle, onde a maioria já estaria fazendo um uso esporádico. Dessa forma foi possível reduzir o dano físico e psíquico e o vício de drogas, utilizando a maconha como droga de passagem para um não uso, se possível, ou até (porque não), apenas de uso esporádico que não produz os mesmos males.

Outra intervenção que seguiu a mesma orientação, realizada em Amsterdã, cidade onde vivem 718 mil pessoas, com cerca de 6.200 dependentes de heroína, mostrou que a liberalidade de drogas que predispõem usos mais leves, levou à queda do consumo das que predispõem uso pesado⁷. O Centro de Pesquisa da Droga da Universidade de Amsterdã, com este estudo, procurou adotar uma escala entre as drogas visando o consumo das menos prejudiciais, que são amplamente conhecidas pelos usuários de drogas e que quando passíveis de serem utilizadas sem represália (estavam sendo vendidas em pequenas quantidades para consumo individual em 250 cafés da cidade), eram adotadas pelos próprios usuários frente às drogas de uso mais pesado, mostrando a valorização e a importância dessas categorias para essa população.

Esses casos empíricos onde há a liberalização das chamadas “drogas leves”, pela verificação de tratá-las como uma alternativa contra as drogas que causam maiores danos à saúde, mostra a importância das categorias populares utilizadas por grupos de usuários ou não-usuários e ratifica a importância dessas distinções.

Além disso, passa a exigir um maior cuidado no tratamento de dados e informações referentes ao uso de drogas, pois ainda existem muitas pesquisas, publicadas na mídia, que servindo à linha de amedrontamento, costuma levantar apenas o uso imediato e a experimentação das diferentes drogas, sem relevar a frequência ou a permanência desse uso ao longo do tempo, ou seja, verificando em que momento e forma ele está se dando, que é o que caracteriza realmente situações de agravos para a saúde física, psíquica e social dos indivíduos.

⁵ Dado da OMS citado pelo psiquiatra Arnaldo Madruga em entrevista à *Isto É*, publicada em 18 de junho/97. Neste mesmo artigo o profissional atesta que em seus trabalhos esse índice sobe para 60% e que, eventualmente, receita maconha para aliviar sintomas de outras drogas mais fortes, como a cocaína e o crack, utilizando seus efeitos de sono e de rebate à ansiedade.

⁶ Pesquisa realizada pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, realizada no PROAD - Programa de Orientação e Assistência ao Dependente, dirigido pelo psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, divulgada pela *FOLHA DE SÃO PAULO*, no dia 20/04/97, ver Bibliografia.

⁷ Pesquisa realizada pelo o Centro de Pesquisa da Droga da Universidade de Amsterdã, divulgada pela *FOLHA DE SÃO PAULO* de 16/06/97, ver Bibliografia.

SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA

Regina Figueiredo e Rosana Gregori

Considera-se que a Escola é o lugar ideal para um trabalho preventivo com o tema *Drogas* por trabalhar com um público heterogêneo, de formações familiares, religiosas e culturais distintas. Isso permite discussões e comparações de hábitos e valores que são salutares para a formação da opinião própria e de um espírito crítico.

Dentro dessa perspectiva, sugerimos algumas dicas para o Educador desenvolver esse trabalho:

1. Iniciar o trabalho numa perspectiva global/ambiental de qualidade de vida:

- a) O que seria saudável para o **meio ambiente** (ar, água, etc.)
- b) O que seria saudável para a **sociedade** (que tipo de relações, participação das pessoas, justiça social, distribuição de renda, etc...)
- c) O que seria saudável para o **corpo** (alimentação, cuidados, etc)

2. Levantar com os adolescentes quais as suas perspectivas de vida, motivações e sonhos em geral.

3. Iniciar a abordagem das Drogas Psicotrópicas (legais e ilegais) através da *Dinâmica das Motivações*, levantando em grupo as motivações que os jovens têm para consumi-las, por exemplo na forma de desenhos e esquemas.

4. Trabalhar sempre com uma noção ampla que inclua as drogas *lícitas* e *ilícitas*, levantando seus tipos, formas de uso e efeitos, classificando-as entre *depressoras*, *estimulantes* e *alucinógenas* (ou *perturbadoras*), por exemplo utilizando a *Dinâmica dos Tipos de Droga* que realiza o levantamento em grupos dos tipos de substância e a mímica de suas formas de uso e efeitos.

5. Lembrar que em nossa sociedade há o consumo de inúmeros produtos que são danosos à saúde física e ambiental e que as pessoas devem ter mais consciência sobre seus usos e efeitos, buscando a melhoria da qualidade de vida.

Para isso pode ser realizada a *Dinâmica do Lixo*: todos anotam em dois papéis diferentes duas substâncias ou produtos que consomem ou compram apesar de saberem que tem um efeito prejudicial. Depois cada uma deve gritar e jogar um a um seu produto gritando numa cesta de lixo no centro da roda, enquanto todos gritam “joga o lixo no lixo”.

6. Não dar receitas ou conselhos individuais sobre uso, mas sempre fortalecer o aluno para que ele escolha e opte por atitudes e ações mais construtivas. Isso pode ser realizado através de dinâmicas de auto-estima, auto-cuidado e autonomia como a *Dinâmica do Nome*, *Dinâmica dos Gostos e Preferências Individuais* e pela aceitação de materiais trazidos por alunos e em ouvir sua participação e opinião durante os trabalhos.

7. Discutir as diferentes formas de uso de drogas: *experimental*, *eventual*, *habitual*, *abusiva* e *dependente*, além de trabalhar a desconstrução de termos genéricos como “drogado”, “viciado” e “maconheiro”, que são preconceituosos e minam a auto-estima de possíveis usuários ou experimentadores, ao invés de resgatá-los para um estilo de vida mais saudável.

Isso pode ser motivado pela aplicação da Dinâmica da Pirâmide onde as pessoas se representam em papéis de cinco cores e depois se colocam em escalas de uso de produtos conhecidos, mas com efeito psicotrópico como a Coca-Cola, o Café, a Cerveja e o Chocolate, num gráfico que tem como base a experimentação, depois o uso eventual (mensal, por exemplo), habitual (semanal por exemplo), freqüente (diário por exemplo) e dependente (3 vezes por dia), seguindo a seqüência conforme as cores das setas de freqüência.

8. Descrever ou levantar detalhadamente os efeitos colaterais do uso e abuso das drogas, incluindo as legais. Isso pode ser realizado através de trabalhos de pesquisa em grupo pelos alunos em jornais, revistas e livros.

9. Dar espaço sobre discussões sobre a descriminalização ou legalização de drogas, pois são temas freqüentes na mídia e que podem ser trazidos e abordados por alunos. No entanto, o educador deve organizar dinâmicas de levantamento de prós e contras sistematizando a discussão dos alunos e nunca dando seu parecer pessoal ou a posição que seria a correta ou não. Dessa forma se evita que os debates sobre esses temas sejam vistos como *tabus* e incompatíveis com o trabalho do ambiente escolar.

OBS: Distinguir sempre o significado exato dos termos:

LEGALIZAR: tornar um produto ou substância legal, ou seja, sujeito à utilização, comercialização e venda e, por extensão, à propaganda, sem consistir em crime ou processo penal.

DESCRIMINALIZAR: tornar o ato de consumo ou venda (nesse caso é necessário especificar qual dos dois estaria sendo descriminalizado) de uma substância ou produto possível de ser realizado sem processo penal ou criminalização do indivíduo por tê-lo realizado.

10. A visão histórica e antropológica sobre o uso das drogas tem como intuito sensibilizar o educador e ampliar a sua visão sobre as diferentes formas de consumo e a relatividade das noções de legalidade e ilegalidade das substâncias, porém não deve ser administrada de forma inicial e direta para os alunos para não criar um clima de permissividade ou incentivo à utilização de drogas que são consideradas ilegais em nosso país. No entanto, caso os próprios alunos tragam informações e histórias sobre esses usos e costumes, como é comum, por exemplo no caso da citação da liberalidade da maconha em alguns países, o educador deve permitir o debate, sistematizando informações sobre as diferenças de legislação de um local e o Brasil, sem no entanto enfatizar qualquer recomendação ou receita pessoal sobre tais modelos.

11. Fazer sempre a ligação entre o uso de drogas injetáveis e a contaminação da AIDS por via sanguínea e do uso de todas as drogas como componente facilitador da transmissão do HIV por via sexual. Ex: Ensinar o uso e manuseio da camisinha e a esterilização caseira de seringas.

ALGUMAS DINÂMICAS DE GRUPO PARA UM TRABALHO SOBRE DROGAS

Regina Figueiredo e Rosana Gregori

Dinâmica 1 - Pirâmide

Material: Quadrados de papel colorido de 5 cores que possam ser distribuídos para todos os integrantes do grupo.

Procedimento:

1º Passo:

- Dividir a classe em 4 grupos.
- Distribuir um papel de cada cor para cada integrante do grupo.
- O instrutor pede que cada um feche os olhos e se concentre em si mesmo, e tente representar-se em uma imagem simples, letra ou símbolo.
- Depois cada um deverá desenhar esta representação nos 5 papéis de cores diferentes, imaginando que esses papéis passam a ser a si mesmos.
- O instrutor deve ressaltar que essas pessoas passarão a fazer parte de uma população maior construindo um gráfico populacional.

2º Passo:

- Distribuir para cada grupo um papel craft com as freqüências já coladas orientando as cores e um produto em relação ao qual irão se posicionar de baixo para cima, colando seus cartões conforme o consumo. As substâncias são: COCA-COLA, CHOCOLATE, CAFÉ e CERVEJA. (Veja o exemplo abaixo)

<u>COCA-COLA</u>	
usa 3 vezes ou + por dia ⇔	☐ ☐ ☐
usa todo dia ⇔	☐ ☐ ☐
usa toda semana ⇔	☐ ☐ ☐ ☐ ☐
usa todo mês ⇔	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐
já experimentou ⇔	☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Finalização:

- Em primeiro lugar é importante chamar a atenção que as pessoas que estão ali representadas no gráfico são indivíduos particulares, com identidades, histórias de vida, características e motivações diferentes. Por isso um trabalho preventivo de drogas jamais deve utilizar nomes genéricos como DROGADO, MACONHEIRO, que “põem todo mundo no mesmo saco”.
- Em segundo lugar é pedido para que o grupo verifique as formas e as características dos gráficos construídos: Ex.: todos estão na base, mas a minoria chega ao topo por vários motivos, não gosta, acha que faz mal, etc.
- Nesse sentido é introduzida a noção das freqüências de uso: experimentação, uso esporádico, uso freqüente ou habitual, uso abusivo e dependência. (Ver texto “Ampliando a Visão sobre as Drogas e Seus Usos”, distribuído na apostila).
- Explorar que a maior parte dos usuários permanecerá nos primeiros degraus da pirâmide e que uma minoria por motivos psicológicos, sócio-econômicos, tipo de substância usada e forma de administração (via) de uso chegará à situação de dependência.
- Por fim, ressaltar que os produtos escolhidos para o exercício contêm substâncias psicotrópicas como a cafeína (no chocolate, café e coco-cola) e o álcool, porém que são liberadas em nossa sociedade e utilizados em nosso cotidiano.

Por isso a abordagem que se fará sobre drogas deve incluir também as legalizadas, numa perspectiva de saúde, pois são justamente o tabaco e o álcool as drogas que têm trazido mais prejuízos à saúde no mundo e no Brasil.

Dinâmica 2 - das Motivações - ESTÁ NO LIVRETO DO VÍDEO É OU NÃO É - (ECOS)

Dinâmica 3 - “Joga Fora no Lixo”

Material: Papeletas pequenas e uma lixeira Grande

- Pedir para que os participantes escrevam em papeletas separadas duas substâncias que comprem ou consomem mesmo sabendo que são prejudiciais à saúde.
- Depois, formando um círculo em pé, no centro da sala, cada um deverá jogar fora uma de suas substâncias gritando seu nome e todos cantarão “Joga o Lixo no Lixo”, seguindo todos com intervalo da canção até que tenha sido feita duas rodadas e todos os papéis tenham sido jogados.

Fechamento:

- Discutir que todos nós fazemos uso de substâncias nocivas e que no limite cabe ao indivíduo avaliar os ganhos e as perdas no processo de utilização delas, mesmo pensando em sua saúde e seu auto-cuidado e uso responsável.

Dinâmica 4 - Dinâmica das Drogas e Efeitos -

Procedimento:

- Levantar em grupos as drogas legais e ilegais conhecidas;
- Escrever cada uma em tiras de papel;
- Um integrante de cada grupo se levantará de cada vez, apresentando a forma de uso e o efeito da droga na forma de mímica para os integrantes dos outros grupos adivinharem;
- Quando descobrirem, a pessoa classifica num quadro afixado:

DEPRESSORAS	ESTIMULANTES	PERTURBADORAS (ALUCINÓGENAS)

Fechamento:

- O instrutor corrigirá o quadro e dirá os efeitos gerais do uso abusivo dessas substâncias

Dinâmica 4 - Discussão da Discriminalização do Uso da Maconha:

Procedimento:

- Dividir a classe em dois grupos que devem discutir os prós e os contras da descriminalização do uso desse produto, que devem ser sistematizados na forma de cartaz para apresentação para a classe.
- Permitir a percepção pessoal dos prós e contras sem dar a opinião pessoal do educador, apenas mostrando como os temas polêmicos devem ser pensados pelos dois lados da situação.

Dinâmica 5 - Conceito e passos da Redução de Danos para Usuários de Drogas Injetáveis

- Levantar com os participantes de forma oral qual seriam os passos para a prevenção da contaminação pelo HIV por usuários de drogas injetáveis:

- Concluir ordenando: *O não Uso de Drogas/ O não uso de Drogas por via Injetável/ A Utilização de Seringas Descartáveis / A Utilização de Seringas e Soluções de Drogas Individuais / A Esterilização Caseira de Seringas*. Discutir os motivos da incorporação dessa Redução de Danos quando as primeiras soluções não são possíveis para o indivíduo.

Dinâmica 6 - Esterilização Caseira de Seringas

Material:

- Seringas descartáveis sem agulha
- Uma vasilha de água
- Copos descartáveis
- 1 litro de água sanitária de marca de boa qualidade: Cândida ou Qboa

Procedimento para esterilização:

1. Lavar a seringa com água limpa, 2 vezes, enchendo a seringa e esvaziando em seguida no ralo ou num local que sirva de lixo.
2. Encher a seringa com água sanitária ou hipoclorito de sódio e sacudi-la fortemente por alguns segundos. Esvaziá-la no recipiente lixo ou ralo e repetir o procedimento.
3. Lavar novamente com água limpa duas vezes.

OBS: DEIXAR CLARO QUE OS RECIPIENTES DE HIPOCLORITO E ÁGUA DEVEM SER INDIVIDUAIS, A MENOS QUE SE USE ÁGUA CORRENTE.

OBSERVAÇÕES

Para que haja comunicação efetiva no trabalho sobre sexualidade com adolescentes é importante:

- **Autenticidade:** Discutir abertamente sentimentos e atitudes
- **Empatia:** Saber se colocar no lugar do outro
- **Respeito:** Saber ouvir
- **Flexibilidade:** Não ser rígido, saber negociar

I - Músicas

Recomendações Gerais:

- A utilização de músicas dentro do trabalho de Educação Sexual tem a finalidade de incluir e explorar este recurso bastante apreciado pelos jovens, procurando mostrar que também citam, questionam e discutem os temas propostos para trabalho. Pode ser utilizada de várias formas: (a) *através da audição e leitura para discussão geral ou em grupos (com ou sem roteiro prévio)*, (b) *como proposta de clímax para introdução ou finalização de determinado assunto*, (c) *para fazer aquecimento de uma dinâmica*, (d) *para motivar dinâmicas corporais, dança, etc.*
- O trabalho nunca deve ser simplesmente ler ou tocar várias músicas, mas dar espaço para discussão de seu conteúdo pelos alunos;
- As músicas escolhidas devem corresponder ao gosto musical dos adolescentes em questão, quando isso não for possível, dar mais ênfase à letra.
- Sempre referenciar o grupo ou autor, época em que escreveu, o que ocorria, etc.
- Aceitar e receber sempre as contribuições de sugestões dos alunos, **sempre salientando que o objetivo do trabalho é explorar um tema e não apenas criar espaço para ouvir qualquer música**, pois isso pode ser conseguido em outros espaços como intervalo, etc.

Sugestões:

- “Fruto Proibido” (Rita Lee) – CD RITA LEE E BANDA TUTTI FRUTTI
- “Diversão” (Titãs) - CD ACÚSTICO ou LP JESUS NÃO TEM DENTES NO PAÍS DOS BANGUELAS;
- “Não me Acabo” (Arnaldo Antunes e Paulo Miklos) - CD ou LP do grupo Barão Vermelho, CARNAVAL;
- “É Proibido Fumar” (Erasmus Carlos) - CD do grupo SKANK , CALANGO;
- “Malandragem dá um Tempo” (Popular para Adelsonilton e Moacyr Bombeiro) - CD do Grupo Barão Vermelho, ALBUM;
- “Cachimbo da Paz” (Gabriel o Pensador) – CD Quebra Cabeça
- “Queimando Tudo” (Planet Hemp) – CD Usuário

(sobre Tráfico)

- Faroste Caboclo” (Legião Urbana) - CD/LP QUE PAÍS É ESTE

II - Livros Infanto-Juvenis

- ARATANGY, L. *Conversando sobre Drogas*,
- ARATANGY, L. *Doces Venenos*,
- PAULINO, Wilson, *Drogas - drogas psicotrópicas*, São Paulo, Ed. Ática, 1997 - Série Jovem Hoje (à disposição nas Oficinas Pedagógicas das Delegacias de Ensino).
- *Transa Legal*, Boletim da ECOS para adolescentes, São Paulo, nº 6 - Ano I - outubro/94

III - Vídeos

- Vídeo “**É ou Não É**”, São Paulo, ECOS.
- Vídeo “**Casos de Família**”, São Paulo, IMESP, s/d.
- Vídeo “**Que Porre**”, São Paulo, ECOS.

IV – Filmes

- Bicho de Sete cabeças
- Kids
- Transpointing
- Beleza Roubada
- Cristiane F
- Profissão de Risco
- O Barato de Grace
- Ironweed
- Despedida em Lãs Vegas
- Sem Destino
- Pulp Fiction

PRÁTICA ESCOLAR COM RELAÇÃO À UTILIZAÇÃO DE DROGAS

Regina Figueiredo e Rosana Gregori

Droga é qualquer substância psicoativa, natural ou sintética, que introduzida no organismo causa modificação nas funções físicas e/ou psíquicas do Sistema Nervoso Central (SNC). Podendo ser lícitas (uso legalizado) como álcool, tabaco, café, medicamentos, etc, ou ilícitas (uso proibido pela lei) como a maconha, cocaína, crack e outros. O uso de drogas não se limita ao momento atual e contexto sócio-cultural que vivemos, há diversos relatos de uso em outras sociedades e a mais de 5.000 anos atrás.

ANTES de tudo:

- A) Ter em mente que Educar é formar e desenvolver o espírito crítico no aprendiz.
- B) Encarar o educador como agente da inclusão social, proporcionando educação e cidadania para todos os membros da sociedade.
- C) O papel do educador é preventivo e, por isso, não menos importante. Ele atua com a maior parte da população jovem podendo evitar que nunca chegue a uma situação extrema de dependência às drogas.
- D) Realizar continuamente um trabalho preventivo sobre uso/abuso de drogas numa perspectiva de auto-cuidado, incluindo as drogas hoje legalizadas, mas que comprovadamente possam ter efeito psicotrópico, como esmalte, chocolates, café, calmantes, ansiolíticos, álcool, etc.
- E) O educador deve incluir um trabalho com a perspectiva de prevenção do abuso de drogas também nas atividades com pais e responsáveis.
- F) É relevante considerar que existem diferentes tipos de drogas, diferentes formas de administração delas e diferentes frequências de uso, havendo, portanto, diversidade na consequência dessas práticas que não devem ser igualadas numa visão simplista.
- G) Evitar abordar o tema pelos tipos de substância (drogas), que variam conforme a sociedade e o momento histórico, mas trabalhar as motivações que levam ao uso delas.
- H) Lembrar que a nossa perspectiva não pretende criminalizar o usuário, já que o consumo de drogas ocorre dentro de um contexto social mais amplo que determina motivações para o consumo.

O que fazer no caso de USO ou ABUSO de drogas na Escola:

Devido aos diversos fatores que permeiam a questão do uso ou abuso de drogas, **é impossível haver uma conduta única para a situação de uso na escola.** Por isso abaixo estão listadas as situações mais comuns enfrentadas nas escolas brasileiras e orientações de conduta para o educador nos diferentes casos:

Sempre: Caso encontre crianças (até 12 anos) fazendo uso de qualquer tipo de droga, mesmo as legais, procure informar os responsáveis imediatamente. Essa faixa etária não tem autonomia para decidir suas opções e pode estar seguindo comportamentos por imitação, influência ou pressão, e, ainda tem possibilidade de revertê-los, já que costuma seguir as orientações dos responsáveis.

Adolescentes, conforme vão adquirindo autonomia, vão fazendo escolhas de grupos ou comportamentos que nem sempre têm concordância com as orientações de seus responsáveis. Essa atitude é comum para diversos temas, como forma de ser, de se vestir, de agir, gostos, etc. Estão em fase de busca de identidade própria, por isso a melhor forma de alcançá-los não é na prescrição de condutas individuais, mas nas atividades preventivas propostas antes que os problemas se instalem. Para casos práticos, orienta-se:

1º Caso: Ouviu falar que X usou / usa drogas:

- Chamá-lo individualmente para conversar e dizer que escola não é o local adequado para a utilização de drogas (devido à ilegalidade das mesmas ou a regulamentos existentes com relação ao uso das drogas legais no espaço escolar), já que ele optou por fazê-la;
- Este diálogo não deve partir de uma posição acusatória ou de investigação de um suposto uso ou não, mas servir como uma retomada de regras que podem incluir também as drogas legalizadas.

2º Caso: Pegou X usando ou sob o efeito de drogas:

- Evite chamá-lo para conversar quando houver possibilidade de estar sob efeito das mesmas, pois pode estar distraído, sem concentração, ou até mais agressivo que o normal;
- Caso ainda esteja portando a droga, o DENARC (órgão da polícia responsável pelo narcotráfico) instrui que seja enviado embalado pelo correio *anonimamente*, com o aviso CONFIDENCIAL. No entanto, considera-se que este procedimento pode muitas vezes gerar um constrangimento tão grande no ambiente escolar (como por exemplo, gerar o medo do aluno se ver denunciado e numa atitude de defesa torná-lo agressivo), que prejudicaria o trabalho do educador, nesses casos orientamos que peçam ao aluno para jogar fora na sua presença, em condições que não deixe comprovação de uso (como jogar na privada);
- Neste momento deixar claro que não haverá nenhum tipo de denúncia pela escola de sua prática e que o assunto será discutido posteriormente.
- Noutro momento, quando estiver mais apto para uma conversa, chamá-lo individualmente para dizer que escola não é o local adequado para a utilização de drogas (devido à ilegalidade das mesmas ou a regulamentos existentes com relação ao uso das drogas legais no espaço escolar), já que ele optou por fazê-la.

3º Caso: Já pegou X em 2 ou 3 flagras de uso de drogas:

- Chamá-lo individualmente para conversar e dizer que escola não é o local adequado para a utilização de drogas (devido à ilegalidade das mesmas ou a regulamentos existentes com relação ao uso das drogas legais no espaço escolar), já que ele optou por fazê-la.
- Questioná-lo (sem amedrontamento) sobre sua compreensão acerca do item anterior e a possibilidade de estar tendo uma atitude que implica no envolvimento como cúmplices de outros colegas e profissionais da escola num assunto policial ou de contrariedade ao regulamento escolar.
- Incluir neste diálogo o questionamento sobre o motivo pelo qual ele não está conseguindo se manter no curto espaço de tempo do ambiente escolar sem o uso de drogas, se ele não estaria com problemas ou precisando de um auxílio;
- No caso do aluno dar uma “abertura” para um pedido de ajuda, discutir a possibilidade dele estar conversando com os pais sobre o problema, mesmo que seja com a presença e apoio da escola;
- Em caso de drogas com menor risco de gerar dependência (ditas mais leves), como maconha, álcool, etc que motivam maior frequência de uso num primeiro momento de experimentação, questioná-lo sobre a possibilidade dele voluntariamente diminuir a frequência e nunca portá-la no ambiente escolar.
- Caso as drogas sejam mais possibilitadoras de dependência (as ditas mais pesadas), como o crack, inalantes e injetáveis, conversar com o aluno sobre a necessidade de comunicação aos responsáveis, pelo grande risco físico e psíquico dessas substâncias quando ingeridas em grande quantidade e sugerir o encaminhamento para profissionais que atendam tais casos no Sistema de Saúde;
- Caso perdure a situação a escola deve informar o aluno que fará a comunicação com os responsáveis visando a sua própria saúde física e mental, possibilitando que ele seja encaminhado para um tratamento específico antes de um agravo.

4º Caso: Situação de Uso Abusivo ou Overdose

- O uso abusivo de alguma substância pode levar à overdose, embriaguez, desmaio, convulsões ou ferimentos. Caso isso ocorra é necessário socorro imediato para o Pronto Socorro mais próximo, utilizando automóvel de alguém disponível ou contatando o serviço de remoção e resgate do município.
- O encaminhamento tem o objetivo de dar socorro aos riscos para a saúde, **portanto não deve ser feito nenhum tipo de ocorrência policial.**
- A escola deve prestar o socorro e informar os responsáveis pelo menor para que acompanhem a sua reabilitação
- Casos de uso abusivo e overdose com socorro de saúde demonstram que o usuário está sem controle dos riscos da utilização da substância, por isso é importante orientar aos pais e ao aluno que procurem serviços específicos que atendam usuários de drogas, no município.

5º Caso: Tráfico de Drogas na Escola ou Redondezas:

- Considera-se que o educador não é preparado e nem deve ficar correndo atrás de estar informado sobre essa situação e, principalmente, tentar lidar com ela pessoalmente, pois isto poderia lhe trazer sérios riscos;
- **A responsabilidade do controle ao tráfico de drogas é da polícia** e não depende da ação apenas na escola, mas de uma reestruturação social e econômica da nossa sociedade e atuação em redes mais complexas de comércio ilegal que muitas vezes os seus próprios agentes fazem parte. Portanto, além da ação preventiva, o educador deve no máximo informar a situação na comunidade em que sua escola está inserida e **nunca dar nomes, horários e locais ou induzir a ação policial dentro da escola.**

PREVENÇÃO ÀS DSTs / AIDS PARA TODOS OS CASOS:

O ideal é evitar a ocorrência de situações limite (quando o problema já se instalou), através de atividades e programas preventivos constantes e habituais entre as atividades da Escola. Pode-se utilizar, por exemplo, trabalhos temáticos, discussões sobre atualidades com alunos, reuniões de pais e mestres para abordar temas sobre qualidade de vida, saúde em geral e, por fim, sexualidade responsável e uso e abuso de drogas. Dentro dessa perspectiva, é bom **sempre** trabalhar com a noção de prática de sexo-seguro, ou seja, com uso de preservativos em todas as relações sexuais.

É preciso ressaltar que o uso de drogas (sejam elas quais forem) pode causar alterações na percepção de riscos para si e para o outro, que levam habitualmente a uma **maior vulnerabilidade do indivíduo contrair DST/HIV/aids pela via sexual, seja ele adulto, criança, jovem ou adolescente. Isto ocorre porque o efeito dessas substâncias costuma ‘desprender’ e relaxar os usuários de noções de risco e fragilidade.**

Em alguns casos, o uso de drogas, pode também comprometer a crítica perante situações de risco, levando o indivíduo à utilização dessas substâncias por **via injetável**. **Essa forma de uso, além de expor o usuário à infecção de DST/HIV/aids por via sexual, traz o risco de infecção por via sanguínea, sendo importante ressaltar a necessidade constante da prática do sexo-seguro e de condutas preventivas para redução dessa via de infecção** (como o uso de seringas individuais, esterilização caseira, etc), prescritas no modelo de Redução de Danos.

BIBLIOGRAFIA

ARATANGY, Lúcia. *Doces Venenos*, São Paulo, Ed. Olho D'Água, s/d.

ECOS, *Transa Legal*, Boletim da ECOS para adolescentes, São Paulo, nº 6 - Ano I - outubro/94

BUCHER, Richard. *Drogas e Sociedade nos Tempos da AIDS*, Brasília, UNB, 1996.

CARNEIRO, Henrique, *Filtro, Mezinhas e Triacas - as drogas no mundo moderno*, São Paulo, Ed. Xamã, 1994.

GREGORI, Rosana e FIGUEIREDO, Regina 'Prática Escolar com Relação à Utilização de Drogas', *texto elaborado para o Módulo II de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

GREGORI, Rosana e FIGUEIREDO, Regina, "Os Diferentes Modelos de Prevenção à AIDS Adotados em Campanhas e Projetos", *texto elaborado para o Módulo I de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

FIGUEIREDO, Regina, "Ampliando a Visão sobre as Drogas e Seus Usos", *texto elaborado para o Módulo II de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO, "Cafés Vendem Drogas Leves", in *Folha de São Paulo - Caderno São Paulo*, São Paulo, 20 de abril de 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO, "Casos de Câncer Devem Dobrar até 2.025", in *Folha de São Paulo - Caderno São Paulo*, São Paulo, 2 de maio de 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO, "Maconha é a Nova Arma contra o Crack", in *Folha de São Paulo - Caderno Mundo*, São Paulo, 16 de junho de 1997.

MESQUITA, Fábio. *Estratégias de Redução de Danos*, São Paulo, HUCITEC, 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, consultor BASTOS, Francisco Inácio, *Protocolo de Redução de Danos - linha de atuação*, Brasília, Secretaria de Assistência à Saúde / Programa Nacional de DST/AIDS, s/d.

OLIVEIRA, Jozenir Alves de, "A Fase Adolescente e As Motivações para a Droga", xerox FDE, Projeto "Prevenção Também se Ensina", módulo III da dupla Rosana Gregori e Regina Figueiredo.

IVAN PADILLA, "Droga tem Solução - Arnaldo Madruga, psiquiatra que recuperou o ex-jogador Reinaldo, defende o diálogo e diz que os médicos não têm paciência para tratar dos viciados", entrevista publicada na *Isto É*, de 18 de junho de 1997.

GREGORI, Rosana e FIGUEIREDO, Regina, "Os Diferentes Modelos de Prevenção à AIDS Adotados em Campanhas e Projetos", *texto elaborado para o Módulo I de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

GREGORI, Rosana e FIGUEIREDO, Regina, "Os Diferentes Modelos de Prevenção à AIDS Adotados em Campanhas e Projetos", *texto elaborado para o Módulo I de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

GREGORI, Rosana e FIGUEIREDO, Regina 'Prática Escolar com Relação à Utilização de Drogas', *texto elaborado para o Módulo II de Continuidade do Projeto "Prevenção Também se Ensina"* - FDE, São Paulo, 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO, “Cafés Vendem Drogas Leves”, in *Folha de São Paulo - Caderno São Paulo*, São Paulo, 20 de abril de 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO, “Casos de Câncer Devem Dobrar até 2.025”, in *Folha de São Paulo - Caderno São Paulo*, São Paulo, 2 de maio de 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO, “Maconha é a Nova Arma contra o Crack”, in *Folha de São Paulo - Caderno Mundo*, São Paulo, 16 de junho de 1997.

MESQUITA, Fábio. *Estratégias de Redução de Danos*, São Paulo, HUCITEC, 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, consultor BASTOS, Francisco Inácio, *Protocolo de Redução de Danos - linha de atuação*, Brasília, Secretaria de Assistência à Saúde / Programa Nacional de DST/AIDS, s/d.

OLIVEIRA, Jozenir Alves de, “A Fase Adolescente e As Motivações para a Droga”, xerox FDE, Projeto “Prevenção Também se Ensina”, módulo III da dupla Rosana Gregori e Regina Figueiredo.

IVAN PADILLA, “Droga tem Solução - Arnaldo Madruga, psiquiatra que recuperou o ex-jogador Reinaldo, defende o diálogo e diz que os médicos não têm paciência para tratar dos viciados”, entrevista publicada na *Isto É*, de 18 de junho de 1997.

As Autoras

Regina M^a Mac Dowell de Figueiredo

É Socióloga, Mestre em Antropologia da Saúde pela Universidade de São Paulo, trabalha e pesquisa Saúde e Direitos Sexuais Reprodutivos desde 1989. Foi instrutora por três anos do projeto *Prevenção Também se Ensina* da FDE junto às delegacias de ensino do Estado de São Paulo e atualmente dá consultoria em ações de Redução de Danos em Práticas Sexuais e Abuso de Drogas para as Prefeituras de São Paulo, Santo André e Diadema. É coordenadora de projetos que envolvem redução de danos em práticas sexuais, no NEPAIDS/USP, e consultora técnica na produção de materiais educativos da Semina e Cevam, em São Paulo.

Contato: reginafigueiredo@uol.com.br

Rosana Gregori

É Socióloga, exerceu atividades de educação em construtivismo, foi analista e supervisora de treinamento da Ecos, onde realizou pesquisas, treinamento e análise de intervenção na área de Saúde Sexual e Reprodutiva Feminina e Masculina e Prevenção ao Abuso de Drogas e a AIDS. Trabalha há 10 anos com adolescentes e já realizou diversos cursos, seminários e congressos sobre Saúde Sexual e Reprodutiva, Prevenção às DST/AIDS e Uso de Drogas. Foi também consultora do *Projeto Prevenção Também se Ensina* da FDE junto às delegacias de ensino do Estado, na capital e interior e implanta o projeto “Amor a Vida”, de prevenção à AIDS e Educação Sexual no Estado do Ceará através de financiamento do FNUAP.